

Uma história de engano



Por RAMZY BAROUD*

O padrão histórico da “paz” na Palestina se repete: cada massacre é seguido por uma farsa diplomática que transforma a resistência em obstáculo à paz, enquanto a limpeza étnica avança sob os aplausos da comunidade internacional

1.

A história do sionismo é, fundamentalmente, uma história de engano. Esta afirmação é criticamente relevante hoje, pois contextualiza a chamada “proposta de Donald Trump para Gaza”, que parece ser pouco mais do que uma estratégia velada para derrotar os palestinos e facilitar a limpeza étnica de uma parte significativa da população de Gaza.

Desde o início do conflito atual, os Estados Unidos têm sido o aliado mais ferrenho de Israel, chegando ao ponto de enquadrar o massacre absoluto de civis palestinos como o “direito de Israel de se defender”. Esta posição é definida pela criminalização generalizada de todos os palestinos - civis e combatentes, mulheres, crianças e homens.

Qualquer esperança ingênua de que a administração Donald Trump pudesse conter Israel se mostrou infundada. Tanto a administração democrata de Joe Biden quanto a administração republicana de seu sucessor têm sido parceiras entusiasmadas na missão messiânica do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu. A diferença tem sido principalmente retórica. Enquanto Joe Biden envolve seu apoio ferrenho em um discurso liberal, Donald Trump é mais direto, usando a linguagem de ameaças abertas.

Ambas as administrações buscaram estratégias para dar a Benjamin Netanyahu uma vitória, mesmo quando sua guerra não conseguiu atingir seus objetivos estratégicos. Joe Biden usou seu Secretário de Estado, Antony Blinken, como um emissário para negociar um cessar-fogo totalmente adaptado às prioridades israelenses. Da mesma forma, Donald Trump utilizou seu genro, Jared Kushner, e o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair, entre outros, para arquitetar um estratagema paralelo.

Benjamin Netanyahu explorou habilmente ambas as administrações. A era Trump, no entanto, viu o lobby dos EUA e Israel aparentemente ditando a política externa americana. Um sinal claro dessa dinâmica foi a famosa cena em abril passado, durante a visita de Netanyahu à Casa Branca, quando o presidente do *America First* puxou uma cadeira para ele.

A convocação de Tony Blair, que já chefiou o Quarteto para a Paz controlado pelos EUA, à Casa Branca ao lado de Jared Kushner em agosto, foi outro sinal agourento. Era evidente que Israel e os EUA estavam planejando um esquema muito maior: um não apenas para esmagar Gaza, mas para impedir qualquer tentativa de ressuscitar a causa palestina por completo.

2.

a terra é redonda

Enquanto dez países declaravam o reconhecimento do estado da Palestina sob aplausos na Assembleia Geral da ONU entre 21 e 23 de setembro, os EUA e Israel se preparavam para revelar sua grande estratégia, com contribuições cruciais de Ron Dermer, então Ministro de Assuntos Estratégicos de Israel.

A proposta de Donald Trump para Gaza foi anunciada em 29 de setembro. Quase imediatamente, vários países, incluindo fortes apoiadores da Palestina, declararam seu apoio. Esse apoio foi dado sem perceber que a última iteração do plano foi substancialmente alterada em relação ao que havia sido discutido entre Donald Trump e representantes do mundo árabe e muçulmano em Nova York em 24 de setembro.

Donald Trump anunciou que a proposta foi aceita por Israel e ameaçou o Hamas que, se não aceitasse dentro de "três ou quatro dias", então "seria um final muito triste". Ainda assim, o Secretário-Geral da ONU, Antonio Guterres, que, junto com a ONU, falhou em grande parte em responsabilizar Israel, declarou seu apoio à proposta de Donald Trump, afirmando que "agora é crucial que todas as partes se comprometam com um acordo e sua implementação".

Benjamin Netanyahu sentiu uma euforia renovada, acreditando que o peso da pressão internacional estava finalmente se dissipando, e o ônus estava se transferindo para os palestinos. Ele teria dito que "agora o mundo inteiro, incluindo o mundo árabe e muçulmano, está pressionando o Hamas a aceitar as condições".

Confortável com o fato de o pêndulo ter balançado a seu favor, ele reafirmou abertamente seus objetivos em Gaza em 30 de setembro: "Libertar todos os nossos reféns, tanto os vivos quanto os falecidos, enquanto as FDI permanecem na maior parte da Faixa". Mesmo quando as nações árabes e muçulmanas protestaram contra as emendas ao plano inicial de Donald Trump, nem Benjamin Netanyahu nem Donald Trump cederam, o primeiro continuando os massacres, enquanto o último repetia suas ameaças.

A implicação é gritante: independentemente da posição palestina, Israel continuará a pressionar pela limpeza étnica da Faixa usando meios militares e não militares. O plano prevê que Gaza e a Cisjordânia sejam administradas como duas entidades separadas, com a Faixa caindo sob o controle direto do chamado "Conselho de Paz" de Donald Trump, transformando efetivamente Tony Blair e Jared Kushner nos novos governantes coloniais da Palestina.

3.

A história é mais crítica aqui, particularmente a história do engano israelense. Desde o seu início, o colonialismo sionista justificou seu domínio sobre a Palestina com base em uma série de invenções: que os colonos europeus tinham laços históricos essenciais com a terra; a alegação errônea de que a Palestina era uma "terra sem povo"; a afirmação de que os nativos indígenas eram intrusos; e o estereótipo de que os árabes são inherentemente antisemitas.

Consequentemente, o estado de Israel, construído sobre terras palestinas etnicamente limpas, foi falsamente comercializado como um 'farol' de paz e democracia.

Essa teia de falsidades se aprofundou e se acentuou após cada massacre e guerra. Quando Israel vacilava em gerenciar seus esforços militares ou sua guerra de propaganda, os Estados Unidos invariavelmente intervínham. Um excelente exemplo é a invasão israelense do Líbano em 1982, onde um "acordo de paz" foi imposto à OLP sob pressão dos EUA.

Graças aos esforços do enviado dos EUA, Philip Habib, os combatentes palestinos deixaram Beirute para o exílio, no entendimento de que esse passo pouparia milhares de vidas civis. Trágicamente, o oposto ocorreu, abrindo caminho diretamente para o massacre de Sabra e Shatila e uma prolongada ocupação israelense do Líbano até 2000.

Este padrão histórico está se repetindo em Gaza hoje, embora as opções sejam agora mais duras. Os palestinos enfrentam uma escolha entre a derrota garantida de Gaza - acompanhada por uma desaceleração temporária e não garantida do genocídio - e a continuação do massacre em massa.

a terra é redonda

Ao contrário do engano israelense no Líbano há quatro décadas, no entanto, Benjamin Netanyahu não faz nenhum esforço para mascarar suas visões intencionais desta vez. O mundo permitirá que ele saia impune deste engano e genocídio?

***Ramzy Baroud** é jornalista, editor do site *The Palestine Chronicle*. Autor, entre outros livros, de *The Last Earth*.
[<https://amzn.to/3W1JMZK>]

Tradução: **Ricardo Kobayashi**.

Publicado originalmente em: <https://ramzybaroud.net/a-history-of-deception-us-israeli-pacts-and-the-gaza-proposal/>

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)